

*Mulheres, água e energia não são mercadorias: Coletivo das Mulheres do MAB e a organização de oficinas para confecção de arpilleras como instrumento de resistência das populações atingidas*

Marina Haizenreder Ertzogue  
Universidade Federal do Tocantins - UFT / CNPq<sup>1</sup>

### **As bordadeiras de Santiago**

Durante a ditadura militar chilena (1973 – 1990), mulheres do subúrbio de Santiago fizeram da costura e do bordado um ato transgressor. Eduardo Galeano escreveu: “O Chile é este mundo de trapos coloridos sobre um fundo de sacos de farinhas. Com sobras de lã e velhos farrapos bordam as bordadeiras, mulheres dos subúrbios miseráveis de Santiago” (1997, p 156).

“Que exista quem as compre é coisa inacreditável. Elas se assombram: — *Nós bordamos nossos problemas, e nossos problemas são feios*”. — Em *Bordadeiras de Santiago*, Eduardo Galeano conta que as primeiras arpilleras foram produzidas por mulheres dos presos políticos e depois muitas outras se puseram a bordar: — “Por dinheiro, que ajuda a remediar; mas não só pelo dinheiro” (GALEANO, 1997, p. 156).

Bordar uma atividade considerada tradicionalmente parte do universo doméstico, no Chile se transformou em uma ação de empoderamento feminino: — “Bordando arpilleras as mulheres se juntam, interrompem a solidão e a tristeza e por umas horas quebram a rotina da obediência ao marido, ao pai, ao filho macho e ao General Pinochet” (GALEANO, 1997, p. 156).

Produto artesanal inspirado na arte popular chilena, o artesanato têxtil é um veículo de expressão visual, portador de denúncias pelo desaparecimento de pais, maridos, filhos e parentes. O bordado e a costura fizeram daquelas mulheres uma espécie de arauto da

---

<sup>1</sup> O artigo apresentado faz parte do projeto de pesquisa: *Costurar histórias, bordar resistências: os impactos das barragens em Arpilleras* (CNPq).

resistência política, atuando em seus papéis de gênero no espaço doméstico, elas se identificavam como mães, filhas, esposas e irmãs.

Além disso, há de se considerar a crise econômica chilena na época como fator que impulsionou na procura pelas oficinas de arpilleras ofertadas pela Vicariato da Solidariedade, entidade ligada à igreja católica com atuação na defesa dos direitos humanos no Chile. Sobre a crise econômica, o testemunho de Eliana Maya é esclarecedor: “O desemprego que golpeou as famílias chilenas com uma força devastadora, mergulhou-as na miséria, favoreceu o surgimento das produtoras de arpilleras”.<sup>2</sup>

Arpillera, em espanhol, refere-se a uma técnica têxtil que tem origem na tradição popular das mulheres bordadeiras da Isla Negra, no Chile. A técnica foi difundida pela cantora e folclorista Violeta Parra: “Arpillera são canções que se pintam” (1958).

Tradicionalmente a costura e o bordado eram feitos sobre suportes de aniagem, tecido rústico de sacos de farinha ou de batatas, onde os retalhos de tecidos eram costurados à mão na arpillera, compondo uma narrativa. O trabalho era determinado pelo tamanho do saco de aniagem, lavado e cortado em seis partes, era usado “para que o mesmo número de mulheres bordasse a sua história, a de sua família ou da comunidade. A tela de fundo se chama arpillera, dando o nome a essa expressão artística popular” (BACIC, 2012, p. 6).

Para contar uma história, segundo James Young (2005), o artista fazia uso de qualquer estilo, técnica ou gênero, desde que ela fosse familiar ao seu conhecimento e identidade, todavia, situações de deslocamentos forçados, catástrofes e guerras exigiam novas formas de expressões que “pode transformar não só o contador de histórias, mas também a maneira de toda uma cultura de contar histórias” (YOUNG, 2005, p. 31).

Um exemplo disso é o Chile, onde “surgiu uma forma artística inigualável na arte popular latino-americana, uma arte nascida da adversidade e da vida cotidiana, uma arte que desafiava o fascismo. *Arpillera*, na língua inglesa se diz *burlap*; em espanhol passou a significar *la tela de la resistencia*” (AGOSIN, 2008, p. 24).

Roberta Bacic, curadora da exposição *Arpilleras da resistência política chilena* (2012)<sup>3</sup>, considera que através da técnica das arpilleras, as mulheres chilenas puderam

---

<sup>2</sup> MOYA-RAGGIO, Eliana. ‘Arpilleras’: Chilean culture of resistance, en *Feminist Studies*, vol .10. nº 2, University of Maryland, United States 1984, p. 278.

<sup>3</sup> Exposição realizada na Biblioteca Nacional - Brasília e outras capitais brasileiras (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre – 2012).

denunciar à repressão durante a ditadura, “além disso, cada uma destas obras pode quebrar o código de silêncio imposto pela situação então vivida no país. Hoje são testemunho vivo e presente, e uma contribuição à memória histórica do Chile” (BASIC, 1012, p. 7).

Para Marjorie Agosin (2008) a linguagem visual da arpillera é a linguagem da emoção. O tecido utilizado para o bordado é algo íntimo e delicado, além disso, a experiência de trabalhar com esse tipo de artesanato têxtil evoca a função pessoal de memória. A costura que junta retalhos numa arpillera implica numa relação estreita entre as mãos da arpillera, sua história e o tecido.

Um exemplo disso é a arpillera *Paz, justiça, liberdade*.<sup>4</sup> A tela bordada sobre um pano cinza mostra uma cena de protesto no subúrbio de Santiago, na ditadura chilena (1973-1990). Ao fundo, a Cordilheira dos Andes e o sol. Há uma avenida que domina o centro da tela, onde estão os manifestantes. As figuras que estão bordadas em alto-relevo seguram um cartaz: *Paz, justiça e liberdade*.



Catálogo da exposição *Arpilleras da resistência política chilena*.  
Brasília. Projeto Marcas da Memória/ Comissão da Anistia, 2012, p. 21.

Nesta arpillera está representada a relação íntima entre a memória e o tecido, relação anteriormente mencionada por Agosin (2008). Ela foi costurada com tecido de uma calça

---

<sup>4</sup>Autoria anônima. Chile, final da década de 1970. Ver: *Catálogo da exposição Arpilleras da resistência política chilena*. Rio de Janeiro/ Brasília: Projeto Marcas da Memória/ Ministério da Justiça/ Comissão de Anistia, 2012, p. 21.

masculina e retalhos de uma camisa quadriculada, roupas de um homem desaparecido, razão pela qual a arpillera *Paz, justiça e liberdade* transmite uma forte carga emotiva<sup>5</sup>.

As arpilleras se constituem numa forma de memorização diferente de outros objetos associados à memória. Para Marjorie Agosin as arpilleras pertencem “a categoria de objetos que lembram e, às vezes, possuem a capacidade de recordar até das posses dos entes dos desaparecidos”. (2008, p. 24)

A memória da arpillera e do arpillero se constitui por algo íntimo, como já foi dito, portadora de histórias de pessoas que passaram por violações de seus direitos, tecidas por mãos que bordam sentimentos. “Tenho visto muitas vezes como o tecido é cheio de lágrimas, onde a memória não é algo evasivo, mas pessoal e tem formas concretas que estão em oposição radical às ações da ditadura” (AGOSIN, 2008, p. 17).

Desde o início das oficinas, em 1974, as peças têxteis eram anônimas, apenas algumas mulheres escreviam suas iniciais, na parte de trás da tela, mas a identificação naquela época era algo perigoso por causa da repressão. Alguns arpilleros ainda traziam uma mensagem no verso da tela, em um bolso oculto. O conteúdo das mensagens eram poemas, narrativas das circunstâncias em que a peça foi produzida ou a descrição do bordado. “Assim, emerge uma dupla narrativa: uma que aparece visualmente na tela bordada e outra, oculta na parte traseira, por escrito” (AGOSIN, p. 58).

“Onde estão nossos filhos?” — arpillera produzida em 1979, na oficina do Vicariato da Solidariedade<sup>6</sup> e adquirida por Jacquie Monty, organizadora de feiras artesanais solidárias em Londres, tem uma história comovente. A arpillera emocionou a compradora, além de revelar forte carga emotiva por ser feita com roupas usadas, a arpillera mostra o sentimento de fragilidade das personagens, em especial, a mãe ajoelhada cujas lágrimas são destacadas na imagem. Por fim, para reforçar o sentimento da perda, no bolso da tela foi colocada uma mensagem, assinado por “uma mãe angustiada e com dor” (1979).

“Esto representa a nuestros hijos... donde están ahora... bajo vigilancia de la DINA... mientras nosotros, las madres lloramos por algún día saber de ellos”<sup>7</sup>. Na maioria das vezes, o bilhete reforça a imagem representada na arpillera. No caso da tela “Onde

---

<sup>5</sup> Catálogo da exposição *Arpilleras da resistência política chilena.*, op., cit. p. 21.

<sup>6</sup> Catálogo da exposição *Arpilleras da resistência política chilena.*, op., cit. p. 22.

<sup>7</sup> Catálogo da exposição *Arpilleras da resistência política chilena.*, op., cit. p. 22.

estão nossos filhos”, a DINA, polícia secreta política do Chile, a que se refere o bilhete, está representada na tela por duas figuras masculinas vestidas de roxo.

Considerada um artesanato têxtil tipicamente feminino, costura e bordado estão articulados por gestos íntimos, em longas horas de dedicação, resultando numa produção coletiva de mulheres, nesse sentido, “a arpillera apresenta uma nova forma de preservação da memória” —, a mulher que produz uma arpillera —, “participa com os desaparecidos no ato de recordação” (AGOSIN, 2008, p. 24). As mulheres chilenas continuarão, enquanto viverem, “a costurar arpilleras para fazer falar os mortos e preservar a memória coletiva” (AGOSIN, 2008, p. 57).

Para James Young, da mesma forma que as pinturas mostram as pinceladas, “estas histórias feitas em tapeçaria e bordados evidenciam cada ponto dado e, por extensão, cada movimento da mão que pôs a agulha no pano e a retirou dele” — e revelam a memória como — “uma atividade física, um processo material através do qual os artistas assimilam no mesmo ato, o vivido interiormente e que é expresso para os outros” (YOUNG, 2005, p 33-34). Marjorie Agosin conviveu com as arpilleras chilenas por mais de 10 anos e chegou à conclusão de que a preocupação delas era manter viva a memória dos familiares desaparecidos e de recuperá-la na criação das arpilleras.

### ***Arpilleras da resistência: workshops no Chile e no Brasil.***

Nos anos 70, entidades ligadas à igreja católica, como a Comissão para a Paz no Chile e a Vicariato da Solidariedade <sup>8</sup> acolheram e apoiaram mulheres vulneráveis, sem condições de sobrevivência econômica e emocional, por causa da prisão ou pelo desaparecimento do marido, filhos e parentes. As oficinas começaram com catorze mulheres. Elas não sabiam o que fazer para alimentar os filhos, então com agulhas e retalhos coloridos elas bordavam e aprendiam uma técnica artesanal para ter uma fonte de renda. Além das oficinas de artesanato, elas participavam na criação de cozinhas comunitárias e grupos educacionais.

---

<sup>8</sup> Organização religiosa criada para socorrer as pessoas que tiveram seus direitos humanos violados na ditadura chilena. Atendendo ao apelo do cardeal Raúl Silva Henríquez, o papa Paulo VI autorizou o seu funcionamento.

Valentina Bonne, arpillerista da oficina da Vicariato da Solidariedade, recordou daquela época: “No final da minha primeira entrevista estava claro que o estado de ansiedade daquelas mulheres não permitiria que elas se concentrassem em outra coisa, exceto na própria dor”. — Sobre a fragilidade delas: — “Qualquer coisa que eu tivesse pensado em fazer com aquelas mulheres era inútil. Eu senti que o trabalho que faríamos juntas haveria de servir como uma catarse” (AGOSIN, 2008, p. 96).

Foi dramático para Valentine Bonne ter visto mulheres chorando, enquanto bordavam suas histórias, mas havia algo gratificante nas oficinas, enfatizou Valentine, ao saber que de alguma forma o trabalho poderia trazer alívio e funcionar como uma terapia, além da troca de experiências entre pessoas que compartilhavam do mesmo drama.

Buscando estratégias para enfrentar o medo e recursos para alimentar os filhos, as arpilleristas acabaram se envolvendo no ativismo político. As primeiras oficinas (1974) foram ministradas por Valentina Bonner, artista plástica e participante ativa das atividades da Vicariato da Solidariedade. O material usado na confecção era doado pela igreja. Uma vez por mês, as arpilleras eram recolhidas para serem vendidas. Um tesoureiro escolhido pelo grupo era o encarregado de levar toda a produção para um posto da Vicariato, onde eram colocadas para venda. Havia mulheres que produziam até quatro arpilleras por mês e parte do dinheiro recebido por elas era destinado, entre 5% e 10%, para um fundo coletivo.

É importante destacar a trajetória das arpilleristas chilena como fonte de inspiração para movimentos sociais latino-americanos e movimentos feministas. Neste caso, o livro: *¿Por qué tienen que decir que somos diferentes? Las mujeres inmigrantes, sujetos de acción política* (2010), de Carmen Gregório Gil e Patricia Blanco, apresenta um artigo que trata das arpilleras como alternativa têxtil feminina de participação social e resistência política.

Al tiempo se organizan y movilizan como ciudadanas, a quiénes se les ha vulnerado sus derechos humanos más básicos. Denuncian la represión, la tortura, la desinformación, la escasez o aumento de los precios de los alimentos básicos, la falta de infraestructuras en los barrios, como el agua o la luz. Alzan sus voces de hilo y aguja en denuncia a la situación política del país que las dejaba sin acceso a bienes públicos como la educación, la sanidad, la justicia o el trabajo. (HERNÁNDEZ E BERENGUEL, 2010, p. 45)

O legado das arpilleristas chilenas continua inspirando mulheres em diversos países: Peru, Colômbia, Irlanda, Índia, Alemanha, Senegal e Espanha, entre outros. A autora destaca que as arpilleristas se converteram em agentes de mudança social; em mulheres que se deram conta que a sua história pessoal e cotidiana era a história do país pedindo paz, justiça e respeito aos direitos humanos. Usaram as próprias vozes e sem vitimíssimos. Em relação à tapeçaria, costurada a mão,

y hechos de recortes de telas y bajo la aparente inocencia de las telas de alegres colores y las muñequitas sobredimensionadas, se encierra el desafío de unas mujeres hacia la autoridad dictatorial y patriarcal. De esta forma, con sus tejidos clandestinos, dejan testimonio de la memoria colectiva de un país cuyo relato de la Historia era solamente uno. (HERNÁNDEZ E BERENGUEL, p. 2010, 46)

No Brasil, a resistência das mulheres impactadas por barragens cruzou-se com a trajetória de luta das arpilleristas. As oficinas de artesanato seguiam a metodologia usada no Chile, ressaltando suas especificidades, foram elas propostas pelo Coletivo das Mulheres do MAB para ser um instrumento de luta por direitos das populações atingidas.

Segundo o relatório da Comissão Especial dos Atingidos por Barragens do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), as mulheres atingidas “encontram maiores obstáculos para a recomposição de seus meios e modos de vida” —, sendo desconsideradas em suas especificidades e dificuldades particulares e, por essa razão, elas estão entre “as principais vítimas de processos de empobrecimento e marginalização decorrentes do planejamento e da operação de barragens” (CDDPH, 2010, p. 54).

Em decorrência deste diagnóstico, diante da necessidade da mobilização, considerando suas especificidades no conjunto das reivindicações das populações atingidas, as mulheres do MAB criaram um movimento. Em abril de 2011, durante o *Encontro Nacional das Mulheres Atingidas por Barragens*, em Brasília, de 04 a 07 de abril de 2011, foi criado o Coletivo Nacional das Mulheres Atingidas por Barragens.

O encontro organizado pelo MAB<sup>9</sup> contou com a participação de aproximadamente 500 mulheres, representantes de 16<sup>10</sup> estados brasileiros e de 3 países: Argentina, Paraguai

---

<sup>9</sup> Movimento dos Atingidos por Barragens.

<sup>10</sup> RS, SC, PR, SP, MG, GO, MT, BA, ES, CE, PB, PE, TO, MA, PA e RO.

e México. Ao final do evento foi divulgada a *Carta do Encontro Nacional das Mulheres do MAB* que denunciava, com base no modelo energético vigente, a violação dos direitos humanos das populações atingidas resultante da construção de barragens, afetando a vida das mulheres, nos seguintes termos<sup>11</sup>:

- Não há o reconhecimento do trabalho doméstico e do campo;
- Perda do trabalho e da renda;
- Ausência das mulheres nos espaços deliberativos;
- Pela não qualificação das mulheres do campo para o trabalho urbano;
- A forma autoritária e truculenta com que os funcionários das empresas tratam e discriminam as mulheres;
- Ausência de serviços básicos que inviabilizam a mobilização e a participação das atingidas;
- Perda dos vínculos com a comunidade;
- Perda e quebra dos laços familiares;
- Agravamento da violência sexual e da prostituição.

Dentro do MAB, por deliberação do Encontro Nacional, foi criado o Coletivo Nacional das Mulheres Atingidas por Barragens para defesa de pautas específicas, entre elas, questões de gênero e empoderamento. Para Neudicléia de Oliveira, integrante do MAB: “Ser atingida é ter os vínculos culturais, comunitários e familiares destruídos”. Mas, por outro lado, também é “construir uma luta e se fortalecer com a organização”.<sup>12</sup>

O primeiro contato do Coletivo das Mulheres do MAB com a metodologia da produção artesanal de arpilleras foi durante a exposição “Arpilleras da resistência política chilena” (20012). A realização da exposição fez parte do projeto *Marcas da Memória*.<sup>13</sup> A mostra apresentou uma coleção de 28 arpilleras feitas por mulheres chilenas durante a ditadura de Pinochet. A exposição percorreu 5 capitais brasileiras: Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre, além da exposição, foram ofertadas oficinas de arpilleras tendo como público alvo os movimentos sociais.

---

<sup>11</sup> MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS – MAB. *Carta Final do Encontro Nacional das Mulheres do MAB* publicada em 08/04/2011. <http://www.mabnacional.org.br/noticia/carta-final-do-encontro-nacional-das-mulheres-do-mab>, Acesso em 20/10/2015.

<sup>12</sup> Neudicléia de Oliveira (MAB, 2015) entrevista *apud* WEIMANN, Guilherme “*Na guerra das barragens, o bordado virou arma política*”. Brasil de Fato. <http://antigo.brasildefato.com.br/node/32097>. Acesso em 14/07/2015.

<sup>13</sup> O projeto para trazer a exposição foi elaborado pela ONG *Pesquisadores Sem Fronteiras*, vencedor de edital público *Marcas da Memória* da Comissão da Anistia do Ministério da Justiça (2011).



A partir do evento ocorreu uma aproximação entre a curadora da exposição, Roberta Bacic, e a coordenação do MAB, resultando na celebração de um convênio internacional para realização de oficinas nas regiões atingidas por barragens.

A primeira oficina para capacitação de pessoal, em Buenos Aires, foi formada por coordenadoras do MAB e contou com a participação de Roberta Bacic, curadora e estudiosa da arte têxtil popular chilena. No começo de novembro de 2013, as mulheres da Coordenação Nacional do MAB fizeram a oficina para difundir a técnica.

Na época, Esther Vital, coordenadora do movimento, divulgou que a expectativa era oferecer oficinas de arpilleras — de norte a sul do Brasil — envolvendo milhares de mulheres, em áreas atingidas por usinas hidroelétricas e “com objetivo de denunciar violações cometidas e construir uma formação com atingidos e atingidas para que eles possam se tornar defensores e formadores em direitos humanos”.<sup>14</sup>

A metodologia empregada para treinamento das facilitadoras, pessoas capacitadas para ministrar oficinas, dividia-se em duas partes: teoria e prática. As oficinas começavam com palestras sobre a resistência das mulheres chilenas à ditadura de Pinochet e o uso de arpilleras como instrumento de denúncia contra violações dos direitos humanos.

O grupo também participou da visita guiada pela exposição *Retazos Testimoniales: arpilleras de Chile y otras latitudes*<sup>15</sup>, no Parque da Memória, conduzida pela curadora Roberta Bacic, onde as mulheres do coletivo do MAB conheceram a história das arpilleras latino-americanas. Na parte prática aprenderam técnicas de bordado e costura sobre tela. Ao término da oficina, o grupo do MAB confeccionou uma arpillera que recebeu o título “Onde estão nossos direitos?”. Nesse encontro, Roberta Bacic destacou que a técnica da arpillera é um instrumento de empoderamento da mulher.

As mulheres tiveram que se empoderar diante dos problemas que as afligiam e atuaram com as ferramentas que tinham ao seu alcance, neste caso a costura. As oficinas de arpilleras, apoiadas pela Vicariato da Solidariedade e outras instituições do Chile, geraram nelas um espaço de

---

<sup>14</sup> MAB. “Atingidas por barragens participam de oficina de Arpillera na Argentina” publicado em 11/11/2013. Disponível: <http://www.mabnacional.org.br/noticia/atingidas-por-barragens-participam-oficina-arpillera-na-argentina-0>. Acesso em 02/02/2016.

<sup>15</sup> “Retalhos testemunhais, arpilleras do Chile e outras latitudes.”

socialização, fraternidade, diálogo, ação e reflexão. Estas oficinas também foram uma fonte de trabalho. (BACIC *apud* WEISSMAN, 2013)<sup>16</sup>

Entre 2013-2014, o projeto do Coletivo das Mulheres do MAB — em convênio com a União Europeia—, com objetivo de divulgar os riscos de violação dos direitos humanos em áreas atingidas por barragens —, ofertou 100 oficinas, em 14 estados impactados, com a estimativa da participação de 900 mulheres.

Em outubro de 2015 aconteceu no Memorial da América Latina, São Paulo, a exposição internacional: *Arpilleras bordando a resistência*. A mostra foi dividida em duas seções: “Arpilleras dialogantes” com 12 arpilleras da coleção internacional Conflict Textiles, organizada pela curadora Roberta Bacic, vindas do Chile, Peru, Inglaterra e Irlanda, enquanto a seção: “Atingidas por Barragens: Costurando os Direitos Humanos” contava com 25 arpilleras brasileiras, selecionadas em oficinas promovidas pelo Coletivo das Mulheres do MAB, organizadas em 14 estados atingidos por barragens. Além da exposição, aconteceram eventos paralelos, oficinas com a participação de arpilleras, além de seminários com lideranças de movimentos sociais do Brasil e do exterior.

A exposição das arpilleras do Coletivo das Mulheres do MAB foi uma oportunidade de visibilidade à causa das populações atingidas por barragens, sobretudo, pelo público diversificado que visitou a mostra no Memorial da América Latina. Para a representante do Coletivo das Mulheres, a exposição no Memorial foi reveladora da trajetória de lutas das populações atingidas.

Para nós, mulheres atingidas, as arpilleras têm sido um caminho para denunciar nossas histórias negadas. A barragem chega sem informação alguma, sem consulta, destrói o nosso tecido social e comunitário, nossas redes de apoio, trazendo junto marginalização, prostituição, e violência sobre nossos corpos.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Conferir a entrevista com Roberta Bacic em WEIMANN, Guilherme. “Bordar, ato transgressor”? *Caros Amigos*. <http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/bordado-caminho-paratransgressao-7926.html>. Acesso: 08/04/2015.

<sup>17</sup> Fundação Memorial da América Latina. *Arpilleras, Bordando a Resistência: exposição, filmes, oficinas, seminários*. <http://www.memorial.org.br/2015/09/mostra-arpilleras-bordando-a-resistencia-abre-dia-25/>. Acesso 15/04/2016.

Nas oficinas, além de trocas de experiências, técnicas de bordado e da costura, as arpilleras aprendem também sobre o sentido do empoderamento e a costura da memória coletiva da comunidade.

Nós atingidas, temos nossas vidas rasgadas. Nas arpilleras, temos encontrado o fio, a juta, a linha para costurar um sentido, nos empoderar como sujeito no processo de emancipação humana, afirmando nossa identidade de lutadoras frente à realidade desigual do modelo energético brasileiro.<sup>18</sup>

### **Arpilleras como lugar de memória**

Nas oficinas elas discutem formas de resistência às violações sofridas por obras da construção de barragens. De acordo com o relatório da Comissão Mundial de Barragens (CNB), a violência contra o sexo feminino aumenta nas regiões que recebem empreendimentos hidroelétricos, na época da construção, quando ocorre uma grande migração de trabalhadores para os canteiros de obra. Devido ao inchaço populacional aumenta também consideravelmente os casos de exploração, tráfico e estupro de mulheres, colocando-as em situação de vulnerabilidade (JANUZZI, 2015, p. 02).

Além da violência contra mulher, outros fatores afetam famílias ribeirinhas, entre eles: perdas de lugares de memórias, por exemplo: o cemitério onde os familiares estavam enterrados, a casa e o quintal; as árvores e o rio. Outras perdas: a dissolução dos laços de vizinhança em decorrência do deslocamento da comunidade.

As perdas simbólicas estão relacionadas com afetividade e vivência nos lugares com sentimento de pertencimento, no caso, populações ribeirinhas que moravam na beira do rio e nos locais que foram submersos pela barragem. Para eles o deslocamento por obras de barragem acarreta em danos materiais e emotivos, especialmente entre idosos, nesse sentido, as perdas simbólicas são acompanhadas por lembranças, tristeza e até depressão causadas pela perda do lugar, onde havia um sentimento de pertencimento, isto é, topofilia, como definiu Tuan (1980), o sentimento de afeto pelo lugar.

---

<sup>18</sup> Fundação Memorial da América Latina. *Arpilleras, Bordando a Resistência: exposição, filmes, oficinas, seminários*. <http://www.memorial.org.br/2015/09/mostra-arpillheras-bordando-a-resistencia-abre-dia-25/>. Acesso 15/04/2016.



Mulheres, Água e Energia não são Mercadorias. Arpillera brasileira (agosto de 2014 – MAB). Fonte: COLETIVO DE MULHERES DO MAB. Catálogo da Exposição *Arpilleras: bordando a resistência*. São Paulo. Projeto Gráfico Zol Design. 2015, p. 29.

Além disso, entre os impactos econômicos destaca-se a perda da agricultura de subsistência feita na época da vazante do rio. Outro impacto, afeta diretamente o modo de vida das comunidades tradicionais: o alagamento de áreas de extrativismo, onde as mulheres, por exemplo, coletam a coco babaçu, a castanha e frutos silvestres, entre outros.

O enchimento do lago acarreta também na perda de postos de trabalho informal, exemplo, em locais onde o rio forma praias naturais, em determinada época do ano, mulheres obtinham fonte de renda com a venda petiscos e outros produtos na praia. Os impactos simbólicos e o aniquilamento do modo de vida de povos tradicionais estão representados nas arpilleras. Em algumas delas podemos ver os lugares de memórias e a perspectiva futura, em dois atos, o antes e o depois da barragem.



Catálogo da Exposição Arpilleras: *bordando a resistência*, 2015, p. 24.

Esta é a história de Creuzilene.

Começando pelo lado esquerdo, a arpillera mostra a vida simples num distrito rural de Babaçulândia (TO). Árvores frutíferas, peixes e na frente de casa uma placa, onde se lê: “Vende-se poupas”. Creuzilene, mãe de cinco filhos, tinha uma fonte de renda garantida graças ao pomar no seu quintal. Ela fazia doce e polpas de frutas para o sustento da família.

Do lado direito da arpillera.

Depois de a barragem ter inundado o lugar onde Creuzilene morava, a comunidade dispersou-se, o primeiro impacto: a dissolução dos laços de vizinhanças, além da perda dos lugares de memória. Nesse sentido, a imagem do lado direito se parece com um reassentamento coletivo construído para realocar as famílias impactadas. As casas são padronizadas e o solo é marrom, sem nenhuma vegetação, parece infértil, A cena sugere que Creuzilene perdeu sua fonte de renda.

A imagem também sugere um acampamento. Isto mostra outra situação dos impactados, pessoas sem direito à indenização, segundo critérios do Consórcio da UHE, nesse caso, por exemplo, estavam mulheres extrativistas, sem título de terra ou posse reconhecida. A segunda condição aparece narrada na história de Creuzilene e das companheiras que produziram a arpillera, conforme relata o texto que acompanha a imagem no *Catálogo da Exposição Arpilleras, bordando a resistência* (2015, p. 24).

Marjorie Agosin (2008) afirmou que a arpillera é a linguagem da emoção. Nas palavras da coordenadora do projeto das oficinas, Esther Vital, podemos ler exatamente isso: “É nesse aspecto que o bordado se torna extremamente importante no processo: a

conscientização através de uma linguagem feminina própria, que trabalha a perda e sensibiliza o outro” (JANUZZI, 2015, p. 2).

Uma das diferenças entre as arpilleras chilenas e as arpilleras produzidas no Brasil reside no fato de que as primeiras se constituíram em uma alternativa de fonte de renda para as mulheres que tiveram que garantir o sustento da família depois do desaparecimento ou da prisão política do cônjuge, além disso, a crise econômica assolou o país naquele período.

No caso das arpilleras brasileiras, “construímos arpilleras não para ter sustento econômico, mas sim para ter na mão uma ferramenta, um jeito de se libertar de um sistema que é muito opressor contra as mulheres”. (*apud* PENZANI, 2015, p, 43). Nessa perspectiva, a coordenadora do MAB na região do Xingu, Elisangela Gomes ressalta o empoderamento das mulheres atingidas.

Para Elisangela, uma arpillera não é apenas um artesanato, “não é um produto. É um ato político. Um estudo aprofundado sobre direitos humanos”. (*apud* PENZANI, 2015, p, 43), na relação estabelecida pela coordenadora do MAB, há uma concordância entre as arpilleras chilenas e brasileiras.

A história das arpilleras no Brasil ainda está em construção, o movimento do Coletivo das Mulheres do MAB permanece ministrando oficinas de arpilleras e realizando exposições. Neste ano em (2016) está em produção um documentário: *Arpilleras, bordando a resistência*, com recursos obtidos na plataforma de financiamento coletivo *Catarse*, o documentário é dirigido por Adriane Canan e conta a história de mulheres atingidas por barragem, em cinco regiões do Brasil.

Para concluir reproduzo uma frase de Isabel Allende, autora do prefácio de *Tapestries of Hope, Threads of Love*, de Marjorie Agosin (2008): “Com restos de tecidos e pontos simples, as mulheres bordaram o que não poderia ser dito em palavra”. E pensando nas mãos invisíveis que bordam memórias e fazem da costura um ato transgressor, termino com uma citação de Laís Januzzi:

A trajetória é bonita, transformadora e feita à mão. Essencialmente voltado para a população feminina, o projeto *Arpilleras: bordando a resistência* é uma extensão do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e utiliza a subjetividade artística como ferramenta para o engajamento político e reivindicação de direitos. (JANUZZI, 2015, p.1-2)

## Bibliografia

AGOSIN, Marjorie. *Tapestries of Hope, Threads of Love, The Arpillera movement in Chile 1974-1994*. 2nd edition. USA: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

BACIC, Roberta. “História das arpilleras”. *Catalogo da exposição Arpilleras da resistência política chilena*. Rio de Janeiro/ Brasília: Projeto Marcas da Memória/ Ministério da Justiça/ Comissão de Anistia, 2012.

\_\_\_\_\_ “Arpilleras que claman, cantan, denuncian e interpelan”. *Hechos del callejón*, nº42, Diciembre, 2008, pp. 20-22.

GALEANO, Eduardo. *Mulheres*. Porto Alegre: L & PM, 1997.

HERNÁNDEZ, Alba Pérez y BERENGUEL, María Viñolo. “Las arpilleras, una alternativa textil femenina de participación y resistencia social”. GIL, Carmen Gregório y BLANCO, Patricia. *¿Por qué tienen que decir que somos diferentes? Las mujeres inmigrantes, sujetos de acción política.*, s/l, Otras, 2010.

JANUZZI, Laís. “Arpilleras: Bordando a resistência”. *Revista Radis - comunicação e Saúde*. Fundação Osvaldo Cruz, n. 154, julho de 2015.

MOYA-RAGGIO, Eliana. ‘Arpilleras’: Chilean culture of resistance, en *Feminist Studies*, vol .10. nº 2, University of Maryland, United States 1984.

PENZANI, Renata. “A revolução será costurada” *Revista da Cultura*, nº 93, Ed. Livraria Cultura, abril de 2015.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

YOUNG, James E. “Living with the Fabric Arts of Memory”. COOKE, Ariel Zeitlin e MACDOWELL, Marsha (eds.) *Weavings of War: Fabrics of memory*; USA, Michigan State University Museum, 2005, p.31-36.